

A ameaça de “Islamização da Polônia” sem muçulmanos – Quando os grupos e os movimentos supremacistas entram em cena

Luciana Garcia de Oliveira ¹

INTRODUÇÃO:

“Para o bem dos países dos quais essas pessoas estão escapando da guerra hoje, eles precisam estar o mais perto possível de suas fronteiras, a fim de ter o maior entusiasmo e motivação possível para reconstruí-los”.

Presidente Andrzej Duda em uma recente entrevista.

“Nós não queremos nenhum tipo de violência na Polônia (...), nós não queremos a agressão em nome de Allah. Sem estupros! Sem linchamentos! Sem terror!”.

Padre Jacek Miedlar em um discurso na ocasião do Dia Nacional de Independência da Polônia, no dia 11 de novembro de 2015.

Tomasz Giemza, o protagonista do filme *Rede de Ódio (The Hater)*, filme polonês dirigido por Jan Komasa e escrito por Mateusz Pacewicz, faz lembrar a descrição de Otto Adolf Eichmann, membro do alto escalão nazista, responsável pela deportação de milhares de judeus rumo aos campos de extermínio da Europa. Em um trecho da obra *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal* (2007), Hannah Arendt observa que a infelicidade de Eichmann

“começou cedo, começou na escola. O pai de Eichmann, primeiro contador da Companhia de Bondes e Eletricidade de Solingen, e, depois de 1913, funcionário da mesma empresa na Áustria, em Linz, teve cinco filhos, quatro homens e uma mulher, dos quais, ao que parece, só Adolf, o mais velho, não

¹ Mestre no Programa de Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (2017), pesquisadora assistente do *Harry S. Truman Research Institute* da Universidade Hebraica de Jerusalém (2017-2018) e atual pesquisadora associada do Centro de Estudos Judaicos (CEJ-USP). Foi uma das responsáveis pela tradução da obra *Escritos Judaicos*, de Hannah Arendt (2016). Contato: luciana.garcia83@gmail.com.

conseguiu terminar a escola secundária, nem se formar na escola vocacional para engenharia na qual foi matriculado até então (p. 39).

No filme *Rede Ódio*, Tomasz é retratado como um jovem frustrado e amargurado. Logo na primeira cena do longa ele é expulso da faculdade de Direito por cometer plágio em um trabalho acadêmico. Os estudos de Tomasz, até então, eram financiados por uma família rica, os Krasucki, ligada à um partido de esquerda da Polônia. Em uma escuta telefônica, dentro da casa dos Krasucki, Tomasz pôde ouvir risos e deboches sobre o seu jeito de ser e a sua condição social.

Assim como na ficção, por trás de muitos partidos e grupos ultranacionalistas europeus existe um histórico de frustração, humilhação e muito ressentimento. Muitos militantes supremacistas e ultranacionalistas tendem a supervalorizar a condição social, política e econômica de um Estado ou de uma comunidade imaginária ao qual fazem parte. Além do personagem Tomasz depender financeiramente dos outros, ele é obcecado por uma das filhas da família Krasucki, Gabi, que não respondeu ao seu pedido de amizade no *Facebook* por 7 anos. Após ser expulso da faculdade de Direito, ele decide trabalhar em uma agência especializada em manipular a opinião pública nas redes sociais. Os alvos da agência, coordenada por Beata, são algumas celebridades, políticos, partidos políticos e os projetos e as propostas defendidas por setores de esquerda. Durante o filme, Tomasz permanece conectado às redes sociais na tentativa de desqualificar o candidato à prefeito, Rudnicki. Para tanto, ele expõe sua condição de homossexualidade, distorce e manipula os seguidores acerca de uma das propostas de campanha do candidato, o acolhimento aos refugiados sírios em território polonês. Ao longo do filme é possível assistir a atuação e os discursos violentos e Islamofóbicos perpetuados por grupos e por partidos supremacistas da Polônia.

Manifestações racistas não são um fenômeno novo na história da sociedade e do Estado polonês, curiosamente, a Polônia é um dos países que mais sofreram com governos e políticas totalitárias, primeiro com a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial e, depois, com a ocupação comunista. Por isso, é inimaginável constatar, nos últimos anos, a volta do extremismo ultranacionalista neste país. A Polônia é considerada, por alguns

veículos de imprensa, entre eles o *Washington Post* (2017), como o epicentro da extrema direita da Europa atualmente. Muito recentemente, em março de 2017, houve uma grande marcha que reuniu cerca de 60.000 pessoas nas ruas de Varsóvia para celebrar o aniversário da independência da Polônia. Em meio à multidão era possível ler cartazes com os dizeres “Clean blood” (sangue limpo) e “White Europe” (Europa branca). A celebração do 99º aniversário de independência da Polônia reuniu cidadãos comuns, grupos supremacistas e neonazistas, como o grupo *All Polish Youth* e o *National – Radical Camp*.²

Geralmente, são durante as celebrações do calendário nacional da Polônia, que a população tem a oportunidade de reafirmar o nacionalismo polonês com muito orgulho. Nessas ocasiões, a população polonesa revive, a fundo, a história da Polônia e da força do povo polonês frente às partilhas territoriais, às duas guerras mundiais e a resistência ao regime comunista. A história da Polônia, permeada por guerras e regimes totalitários, contribuiu, inclusive, com o temor de muitos poloneses em se manterem subordinados às disposições da União Europeia, principalmente sob a liderança de um país como a Alemanha.

Na Polônia não existem estatísticas precisas sobre o número exato de cidadãos muçulmanos que residem no país. Entretanto, a comunidade muçulmana da Polônia é uma das menores e mais antigas da Europa, equivale à menos de 0,1% da população polonesa (GRZEBALSKA & PETÓ, 2017, p. 5). Nesse aspecto, a Polônia apresenta um caso inédito e contraditório de Islamofobia sem muçulmanos.

A história da presença do Islã e dos muçulmanos remonta desde o século XIV quando alguns grupos de muçulmanos tártaros foram assentados em território polonês pelo Duque da Lituânia, que dominava a região. Algumas mesquitas e cemitérios islâmicos localizados na região nordeste da Polônia encontram-se preservados até os dias de hoje.

² How Poland became a breeding ground for Europe’s far right. **Washington Post**, dia 14 de novembro de 2017, disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/11/13/how-poland-became-a-breeding-ground-for-europes-far-right/>. Acessado no dia 14 de maio de 2021.

Mais adiante, algumas dezenas de milhares de imigrantes muçulmanos chegaram ao país por razões de educação. Durante as décadas de 1980-1990, muitos estudantes do Iraque, da Síria e do Iêmen foram beneficiados com bolsas de estudos do ensino superior da Polônia comunista. Parte dos estudantes formados retornaram aos países de origem e outra parte permaneceram, se casaram com mulheres polonesas, foram contratados em alguns postos de trabalho e se estabeleceram na Polônia.

Mesmo após o colapso do comunismo, imigrantes e refugiados muçulmanos continuaram a entrar no país. De acordo com a reportagem realizada por Agnieszka Dudzinska e por Michael Kotnasowski (2019), durante e após as duas guerras na Chechênia, em 1994 e 1999, a Polônia assentou cerca de 100.000 refugiados chechenos em seu território.³

O renascimento ultranacionalista começou mais tarde, em 2015. Durante o auge do período denominado de “crise dos refugiados” e durante as eleições presidenciais que elegeu o partido de extrema direita, o partido *Prawo i Sprawiedliwosc* (Lei e Justiça), para o governo da Polônia.

Embora o resultado das eleições na Polônia confirmasse a vontade da maioria da população em recusar-se a assentar os refugiados da guerra da Síria, as estatísticas apontam o pouco interesse de refugiados sírios pelo asilo na Polônia. De acordo com a professora do departamento de Sociologia da Universidade de York, no Reino Unido, Kasia Narkowicz (2018), “em 2016, o número de pedidos para o *status* de refugiado na Polônia apresentados pelos sírios atingiu quase 300 pessoas, o dobro dos números do ano anterior”. (p.358). O que denota a pouca procura pela Polônia enquanto assentamento para os refugiados sírios, o que, em certa medida, desmistifica a ideia propagada pelos ultranacionalistas, de uma Polônia forte e atraente e de uma decorrente “invasão da Polônia”.

³ DUDZINSKA, Agnieszka & KOTNASOWSKI, Michael. Imaginary Muslims: How the Polish right frames Islam. *Brookings*, dia 24 de julho de 2019, disponível em: <https://www.brookings.edu/research/imaginary-muslims-how-polands-populists-frame-islam/>. Acessado no dia 15 de maio de 2021.

A presença inexpressiva de cidadãos e imigrantes muçulmanos na Polônia, contrasta com um aumento exponencial da quantidade de poloneses que emigram da Polônia rumo aos países da Europa ocidental, notadamente rumo a Alemanha e a França. Ainda, pode ser notado, ironicamente, que, em muitos casos, a recepção aos imigrantes poloneses, do mesmo modo, não é tão calorosa como se poderia esperar ou imaginar. Em algumas localidades, a recepção aos imigrantes poloneses tem sido, inclusive, bastante hostil.

Após a integração da Polônia na União Europeia, em 2004, muitos poloneses emigraram rumo aos países da Europa ocidental. O número de poloneses que deixaram de viver na Polônia entre os anos de 2004 a 2007 triplicou, de 250.000 para 522.000. Até o fim do ano de 2015, cerca de 2.397.000 poloneses viviam fora da Polônia (GOZDIZIAK & MÁRTON, 2018, p. 132). Os dados apontam que a diáspora polonesa é numericamente superior à quantidade de imigrantes e cidadãos muçulmanos que habitam a Polônia. Por isso, é provável que, parte dos discursos de ódio e islamofóbicos, pode ter sido adquirido nas experiências no exterior e não necessariamente em território polonês. Muitos poloneses da diáspora da Alemanha, da França e da Bélgica testemunharam ataques terroristas perpetrados por grupos *jihadistas*, como os ataques em Paris, de 2015, e os ataques em Bruxelas, de 2016.

O alto índice emigratório de poloneses gerou uma escassez de mão de obra na Polônia. E, em consequência dessa escassez, em 2004, o governo polonês subsidiou a imigração de trabalhadores ucranianos para ocuparem postos de trabalhos ociosos. Os imigrantes ucranianos passaram a ser considerados o maior grupo imigrante da Polônia, estima-se que existem cerca de mais de três milhões de ucranianos que vivem na Polônia atualmente.⁴

Por outra parte, desde do início do período conhecido como “crise dos refugiados” (2015-2016), em decorrência da guerra na Síria, não é raro encontrar mensagens de ódio, direcionado aos refugiados sírios, compartilhado por poloneses da diáspora nas redes sociais. Nesse mesmo período, foi observado que o tratamento dispensado aos refugiados

⁴ DUDZINSKA, Agnieszka & KOTNASOWSKI, Michael. Op.cit.

da guerra da Síria tornou-se contrastante com o tratamento dispensado aos imigrantes e aos refugiados de guerra da Ucrânia.

Além de muitos poloneses da diáspora testemunharem acontecimentos violentos envolvendo a participação direta e indireta de imigrantes árabes e muçulmanos, a situação de concorrência econômica entre poloneses e refugiados árabes pelas mesmas vagas e oportunidade de emprego nos países da Europa ocidental contribuiu com que muitos poloneses se sentissem desvalorizados na União Europeia.

Em 2015, um número muito reduzido de refugiados sírios foi alocado na Polônia, menos do que havia sido previsto pela União Europeia. Enquanto isso, grupos supremacistas, líderes e partidos políticos populistas de extrema direita se manifestavam através de discursos e palavras de ordem abertamente xenófobas, racistas, antisemitas e islamofóbicas. Foi nesse mesmo ano que, na ocasião de uma grande manifestação de rua, contra o assentamento de refugiados na Polônia, na cidade de Wrocław, alguns manifestantes queimaram um protótipo de um judeu ortodoxo vestido com o símbolo da União Europeia.

Foi a partir do período denominado de “crise dos refugiados” e das eleições presidenciais na Polônia, em 2015, que foi registrado um aumento vertiginoso dos ataques físicos e verbais às minorias nacionais. Segundo denúncias realizadas pela organização antirracista da Polônia, *Nigdy Wiecej* (“Nunca Mais”), as hostilidades contra imigrantes, refugiados e cidadãos muçulmanos na Polônia ocorrem na forma de espancamentos, tapas na cara, xingamentos, cusparadas e através da proibição de mulheres muçulmanas de usar o *hijab* nos locais de trabalho.⁵

Embora as manifestações ultranacionalistas tenham chamado a atenção da imprensa internacional em 2015, as manifestações de Islamofobia na Polônia são mais antigas, advém desde à década de 1990, após o colapso do comunismo. Foi nessa ocasião que houve um “renascimento do catolicismo” na Polônia. Um dos primeiros reflexos da resistência à presença de muçulmanos em território polonês, de acordo com Kasia

⁵ Para mais informações sobre a organização *Nigdy Wiecej – Never Again – Nunca Mais* – o site está disponível em: <https://www.nigdywiecej.org/en/>. Acessado no dia 14 de maio de 2021.

Narkowicz e com o professor da faculdade de Economia da Universidade de Cracóvia, Konrad Pedziwiatr (2017), teria sido motivada pela construção de um Centro Cultural Islâmico no bairro *Ochota* na capital Varsóvia (p.5). Mais adiante, em março de 2010, um projeto de construção de uma mesquita na mesma cidade, gerou uma grande manifestação por toda a Polônia. Alguns grupos ultranacionalistas confeccionaram pôsteres com a imagem de uma mulher muçulmana de *niqab* em frente à um enorme minarete. A campanha denominada *Europa Przyszłości* (Europa do Futuro) articulou muitos protestos contra a presença de muçulmanos na Polônia. A concentração pública reuniu grupos seculares e religiosos de extrema direita preocupados com uma suposta Islamização da Europa. Em ambos os setores, chama a atenção o uso da imagem da mulher no Islã. Isso porque, dentro das esferas mais religiosas da Polônia, as ideias feministas costumam ser categoricamente rechaçadas e repudiadas publicamente.

Ao longo do artigo pretende-se analisar o acirramento da intolerância à presença do Islã e de muçulmanos sob retóricas que usam a imagem da mulher e da identidade cristã na Polônia. Para isso será necessário contextualizar a guerra civil na Síria, desde a sua eclosão, em 2011, até o agravamento da situação humanitária no Oriente Médio, em meados de 2015 e 2016, que provocou o aumento nos pedidos de asilo na Europa e, conseqüentemente, na Polônia. E, por fim, pretende-se apresentar os caminhos possíveis em vista a amenizar a intolerância ao outro, através de projetos, promovidos pela sociedade civil polonesa, que visam a interação entre cidadãos poloneses e os refugiados sírios. Afinal, qual é a alternativa ao nacionalismo na Polônia?

1. A guerra civil na Síria e a extensão da crise humanitária

A guerra civil da Síria (2012-2019) é considerada como a mais grave crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. Os conflitos em território sírio resultaram no deslocamento interno e externo de milhões de pessoas, além de ocasionar milhares de vítimas fatais. De acordo com os dados apresentados pela agência de refugiados das Nações Unidas, UNHCR, na Síria, atualmente, existem 13,4 milhões de pessoas que necessitam de ajuda humanitária; 6.7 milhões de deslocados internos e 6.6 milhões de

refugiados. Do total de refugiados sírios, 5.6 milhões foram alocados em países próximos à fronteira da Síria.⁶

O conflito na Síria iniciou-se em março de 2011, no contexto do movimento conhecido internacionalmente como a Primavera Árabe. As manifestações populares e pacíficas contra o regime autoritário do presidente Bashar al-Assad foram, logo no início, duramente reprimidas. O que provocou um aumento gradativo da insatisfação popular pelo governo da Síria. As manifestações se expandiram, se intensificaram e provocaram conflitos entre alguns grupos da sociedade civil e os agentes do Estado. Por isso, de acordo com a professora de Ciências Políticas da *Oxford Brookes University*, Christina Steenkamp (2017), em 2012 a *Cruz Vermelha* classificou oficialmente como guerra civil, o que, de fato, estava ocorrendo na Síria (p. 5).

Muito além da insatisfação popular de parte da sociedade civil, ainda em 2012, já havia centenas de grupos armados, locais e estrangeiros, envolvidos, direta e indiretamente, na guerra civil da Síria. O presidente Bashar al-Assad e seu exército passaram a enfrentar a oposição armadas de centenas de grupos seculares e *jiadistas* nacionais e estrangeiros, apoiados por alguns países oponentes ao regime sírio, como a Arábia Saudita, o Catar e a Turquia. Por outro lado, Assad recorreu aos seus aliados políticos regionais como o Irã e o grupo libanês, *Hezbollah*. As intervenções estrangeiras na guerra civil da Síria tornaram o conflito internacional.

O processo de internacionalização da guerra da Síria agravou drasticamente a crise humanitária. A escalada de violência entre o governo sírio e seus aliados contra uma diversidade de grupos rebeldes armados reproduziu a disputa hegemônica do Oriente Médio: Irã *versus* Arábia Saudita. Além dos grupos rebeldes armados, apoiados por alguns países estrangeiros, a internacionalização da disputa pela hegemonia do Oriente Médio contou com a intervenção militar direta dos Estados Unidos, da França, do Reino Unido, e, mais adiante, da Rússia.

⁶ Syria Emergency. **The UN Refugee Agency – UNHCR**: <https://www.unhcr.org/syria-emergency.html>. Acessado no dia 5 de junho de 2021.

No momento em que foi deflagrada a guerra civil na Síria, os Estados ideologicamente rivais ao Irã encontraram uma oportunidade de derrubar o governo de Assad, de modo a enfraquecer o campo político rival, qual seja, o eixo Irã, Síria e *Hezbollah*. Durante a guerra, a Arábia Saudita adotou uma postura mais ofensiva, ao articular o apoio financeiro e militar à grupos *jihadistas* contrário ao governo sírio.

O envolvimento da Turquia na guerra civil na Síria seguiu as mesmas diretrizes da Arábia Saudita. Embora a Turquia seja considerada um país democrático, o governo do atual presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, filiado ao partido AKP (Partido Justiça e Desenvolvimento), adota uma ideologia islamista. O envolvimento da Turquia no conflito da Síria ocorreu através de fornecimento de armas e dinheiro aos grupos *jihadistas* que atacavam diretamente os apoiadores e os agentes do governo da Síria. Além de se posicionar como adversária ideológica do governo de Assad, a intervenção da Turquia no conflito da Síria tinha por objetivo impedir o estabelecimento de áreas curdas autônomas independentes ao longo da fronteira turca.

Conforme observado, a presença de grupos, *jihadistas* e seculares, de oposição ao governo da Síria, aliado aos ataques provenientes de alguns Estados estrangeiros tornaram o conflito na Síria absolutamente desproporcional. A configuração da guerra na Síria apresentava-se, de um lado, Estados Unidos, Israel, França, Reino Unido, Arábia Saudita e Turquia e, do outro, Síria, *Hezbollah* e Irã. A entrada da Rússia na guerra civil da Síria, em 2015, trouxe, enfim, um reforço na correlação de forças. A decisão russa de intervir ao lado de seu aliado em Damasco ocorreu em um contexto de acirramento de conflitos entre a Rússia e o ocidente durante a crise na Ucrânia.

Além da presença de uma enorme quantidade de grupos armados e da intervenção de forças estrangeiras, a guerra civil na Síria tornou-se ainda mais dramática com o aparecimento e a ascensão do grupo autodenominado Estado Islâmico que, em meados de 2015 e 2016, perpetrou diversos atentados terroristas contra as forças do governo da Síria e contra a sociedade civil cercada pelas disputas militares. A presença ostensiva do Estado Islâmico no território sírio ocorreu em decorrência da desestabilização do Estado da Síria. A situação caótica gerou um vácuo de autoridade em algumas localidades desassistidas pelo Estado. Nesse momento o então líder do grupo Estado Islâmico, Abu

Bakr al-Baghdadi, conseguiu conquistar vastos territórios sírios batizado, por ele, como o território do “Levante”.

As cidades dominadas pelo Estado Islâmico passaram a ser administradas de acordo com suas leis fundamentalistas. Ademais, o Estado Islâmico conseguiu recrutar muitos combatentes estrangeiros, vindos, sobretudo, de vários países europeus. Em pouco tempo o grupo cresceu e entrou em choque com outros grupos *jihadistas* que já atuavam na Síria, entre eles, a *al-Qaeda* e a *Frente al-Nusra*.

A primeira cidade síria a ser tomada pelo Estado Islâmico foi *Raqqá*. Foi nesta cidade, localizada no nordeste da Síria, que os combatentes do Estado Islâmico implementaram uma administração baseada na imposição da versão extrema da *Sharia*. De acordo com reportagem da *BBC - Brasil* (2021), muitas testemunhas revelaram a incidência de torturas e execuções de cidadãos locais. O regime do Estado Islâmico em *Raqqá* durou em torno de 3 anos marcados pela “crueldade explícita, com espetáculos diários de execuções e mutilações em praça pública”.⁷

As ações arbitrárias e terroristas do Estado Islâmico na Síria geraram a mobilização da comunidade internacional em torno da destruição do califado de Bagdadí. Desse modo, enquanto as forças do governo sírio combatiam os seus opositores do Exército da Síria Livre e dos demais grupos *jihadistas*, em 2014, forças internacionais dos Estados Unidos, Reino Unido e França passaram a conduzir ataques aéreos nos territórios dominados pelo Estado Islâmico. Um ano depois, em 2015, a Rússia se juntou aos bombardeios na Síria.

Durante o apogeu do domínio do Estado Islâmico na Síria, em 2015 e 2016, o grupo controlava em torno de um terço do território sírio.

Nestes dois anos de agravamento da crise humanitária houve a fuga em massa de milhares de famílias sírias de seus lares. Contudo, embora o apelo midiático sobre os refugiados nos países europeus, são os países vizinhos à Síria, no Oriente Médio, os

⁷ Estado Islâmico: como o grupo surgiu do caos de guerras para aterrorizar o mundo. *BBC – Brasil*, dia 16 de maio de 2021, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379503>. Acessado no dia 8 de junho de 2021.

principais destinos dos refugiados sírios. Ainda de acordo com o portal da Agência de refugiado das Nações Unidas, UNHCR, a Turquia é o país que mais recebeu refugiados sírios, cerca de 3.672.646, seguido do Líbano, com cerca de 855.172 e a Jordânia, com cerca de 666.692.⁸

A presença de refugiados sírios nos Estados vizinhos acarretou na expansão do conflito para além das fronteiras da Síria. A escalada de violência e os ataques terroristas na Turquia e no Líbano, aliado às péssimas condições dos campos de refugiados do Oriente Médio, contribuiu para que muitos sírios optassem por tentar asilo nos países europeus, entre eles, a Polônia.

2. Os refugiados sírios e a Igreja Católica da Polônia

A Polônia é considerada um dos países mais religiosos da União Europeia. A Igreja Católica, inclusive, faz parte da identidade nacional polonesa. Por isso, a religião costuma interferir na política e, conseqüentemente, na moralização da sociedade.

Embora o governo e a sociedade polonesa defendam, acima de tudo, os valores cristãos, parte expressiva dos grupos católicos da Polônia endossam as políticas anti-migratórias do governo polonês, de modo a contrariar a mensagem de amor e de acolhimento vindas do Vaticano, compartilhado pelo porta-voz da Igreja Católica, o Papa Francisco. Coincidentemente, poucos meses depois de o governo polonês decidir fechar definitivamente as fronteiras para os refugiados da Síria, em 2016, o Papa Francisco, em visita a Polônia, na ocasião da celebração da *Jornada Mundial da Juventude*, em Cracóvia, discursou sobre algumas temáticas que incluíam assuntos sensíveis ao governo de Andrzej Duda, como refugiados, direitos humanos e diversidade.

Na *Jornada Mundial da Juventude* em Cracóvia, o Papa Francisco defendeu a disposição de governos em receber os refugiados, “que fogem da guerra e da fome” em um ato de solidariedade para com aqueles que estão sendo privados de exercer sua fé com

⁸ Syria Emergency. **The UN Refugee Agency – UNHCR:** <https://www.unhcr.org/syria-emergency.html>. Acessado no dia 5 de junho de 2021.

liberdade e segurança.⁹ Em uma clara referência à situação de algumas comunidades cristãs do Oriente Médio e da África diante do acirramento do extremismo político e religioso, refletida pela atuação violenta de grupos fundamentalistas, entre eles o Estado Islâmico, nessas regiões. O discurso do Papa Francisco chamou a atenção sobre as comunidades cristãs em perigo, mas de nenhum modo, discriminou as comunidades muçulmanas, em uma clara postura de acolhimento e de solidariedade a todos os seres humanos, sem qualquer distinção, em situação de refúgio.

Uma leitura seletiva dos textos sagrados do cristianismo, a Bíblia, realizado por parte da Igreja Católica e por membros do alto escalão do governo da Polônia, que se reafirmam como católicos, serve como pretexto para negar sistematicamente asilo aos refugiados da Síria. Embora o Papa Francisco se posicione a favor do acolhimento dos refugiados de guerra e da miséria, muitos Bispos e Padres da Igreja Católica polonesa se manifestam publicamente contra a entrada de não-cristãos em território europeu e polonês. Em uma resposta oficial ao Vaticano, a Igreja Católica polonesa se esquivou da responsabilidade pelo acolhimento de refugiados, ao direcionar a responsabilidade ao governo polonês, nos assuntos referentes à migração, asilo e cidadania.

Por outra parte, alguns clérigos não se intimidam em expor abertamente sua oposição ao acolhimento de refugiados muçulmanos. Esse foi o caso do Arcebispo Hoser, que representa uma instância conservadora da Igreja Católica. Para ele, os muçulmanos dificilmente se integram à uma sociedade cristã. Além do Arcebispo Hoser, o jovem padre, Deacon Jacek Jan Pawlowicz, de maneira mais agressiva, costuma reafirmar sua oposição ao acolhimento de refugiados na Polônia através do compartilhamento de discursos de ódio nas redes sociais. Em sua conta do *Facebook*, o Padre Pawlowicz frequentemente insulta o Islã e todos os refugiados árabes.

“ Ele afirma que os sírios se tornam agressivos assim que recebem o *status* de refugiados. “Esse povo selvagem - eufemisticamente chamados de refugiados - não respeitam nada, nem nossos direitos, nem nossa cultura”, escreveu. Pawlowicz também pediu que as mulheres que apoiam a admissão de

⁹ Papa pede que Polônia acolha refugiados. **Deutsche Welle – DW**, dia 27 de julho de 2017, disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-pede-que-pol%C3%B4nia-acolha-refugiados/a-19430920>. Acessado no dia 14 de maio de 2021.

refugiados “abram os seus olhos”. Talvez quando tais “refugiados” as estuprarem, elas irão entender por que eles estavam se agitando tão ferozmente e para quem abriram as portas de nossa casa polonesa”, escreveu. (Tradução livre da autora) (GOZDIZIAK & MÁRTON, 2018, p. 139).

As mensagens de ódio propagadas por setores da Igreja Católica surpreendem a opinião pública acostumada com as mensagens de paz e de amor ao próximo. Justamente por isso, outras instâncias da Igreja Católica polonesa decidiram se pronunciarem publicamente em apoio ao acolhimento de refugiados. Esse foi o caso do Arcebispo Józef Kupny e do Bispo Tadeusz Pieronek, que passaram a se manifestarem, através de suas redes sociais, de modo favorável ao acolhimento de refugiados da guerra da Síria, na Polônia, e assim respeitarem os verdadeiros preceitos cristãos. Em uma entrevista concedida em 2017, o Bispo Tadeusz Pieronek afirmou categoricamente que a Polônia tem a obrigação moral de aceitar os refugiados: “Os verdadeiros cristãos são a favor de receber refugiados ... Não os aceitar é abandonar o ser cristão”.¹⁰

3. A realidade da mulher polonesa é tão diferente da mulher muçulmana?

Durante as manifestações em protesto contra o que estava sendo considerado como uma “invasão da Polônia”, a imagem de uma mulher muçulmana de *Niqab* preto estampou muitos cartazes de modo a contrastar com a imagem idealizada de uma “Polônia imaginária” moderna, detentora de políticas e de ações de igualdade entre os gêneros, muito distante da atual realidade.

Algumas denúncias promovidas pelo grupo *Human Rights Watch* (2021) revelam que, desde as eleições da extrema-direita no governo da Polônia, houve uma deterioração da situação das mulheres polonesas.¹¹ O governo do presidente Andrzej Duda, aliado à

¹⁰ Bp Pieronek: Przyjęcie uchodźców to obowiązek. **Perpektywy dla Polski**, dia 17 de maio de 2017, disponível em: <https://www.rp.pl/Kosciol/305179879-Bp-Pieronek-Przyjecie-uchodzcow-to-obowiazek.html>. Acessado no dia 10 de junho de 2021.

¹¹ Poland: Escalating Threats to Women Activists. **Human Rights Watch**, dia 31 de março de 2021, disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/03/31/poland-escalating-threats-women-activists>. Acessado no dia 14 de maio de 2021.

Igreja, promove ataques sistemáticos às organizações e aos grupos de mulheres ao retratar os discursos e as ideias feministas como uma ameaça aos valores tradicionais da família. Muitas lideranças do partido Lei e Justiça (PiS) apoiam e aprovam uma legislação que retrocede aos direitos e as políticas conquistadas em favor das mulheres, em uma tentativa de reafirmar as diferenças entre os gêneros dentro de uma sociedade eminentemente patriarcal.

Desde que o PiS assumiu o governo da Polônia, pelas vias democráticas, muitas providências antidemocráticas passaram a vigorarem na política polonesa. Em muitos casos, os principais alvos da intransigência política são as mulheres e a pluralidade social na Polônia.

A ascensão do populismo na esfera política coincide com as inúmeras ações moralizantes, centradas na nação, na família e na religião católica. Dessa forma, tanto o movimento feminista quanto os grupos de direitos humanos têm sido constantemente atacados por estarem continuamente associados a ameaça aos interesses nacionais da Polônia. A retórica “anti-gênero”, em muitas ocasiões, vem acompanhada com *slogans* sensacionalistas. As informações sobre as diferenças de gênero e diversidade sexual transmitida nas escolas são vistas como uma ameaça à infância. Os apoiadores do atual governo polonês reclamam que os defensores da chamada “ideologia de gênero” são capazes de incentivar a sexualidade precoce e a homossexualidade nas crianças e nos adolescentes.

Na Polônia, as leis sobre aborto são as mais restritivas da Europa, assim como o acesso à saúde reprodutiva e sexual das mulheres. O acesso às informações sobre educação sexual, em muitos casos, é considerado inadequado por amplos setores do governo. Muitas campanhas informativas sobre gênero, diversidade e educação sexual são censuradas nos meios de comunicação.

Desde meados de 2015, os direitos humanos estão sendo continuamente despolitizados na Polônia, o governo do presidente Andrzej Duda apresenta os direitos humanos como inimigo da sociedade, da religião e da família polonesa, ao invés de um “adversário político”. As políticas públicas baseadas na preservação de um modelo de família tradicional estimulam tão somente a reprodução das mulheres, ao invés de

estimular a educação e o acesso às informações acerca da igualdade de direitos entre os gêneros.

O atual governo do PiS recentemente lançou um programa de transferência de renda em vistas ao incentivo ao aumento dos índices de fertilidade na Polônia, no intuito de acelerar a decisão das famílias em terem mais filhos. O programa foi considerado ineficiente, pois ao invés de estimular uma educação pública capaz de incentivar a divisão igualitária das tarefas domésticas, o governo priorizou a aceleração da decisão sobre procriação, sem sequer mencionar sobre o bem-estar e a saúde das mulheres. Em certa medida, o governo reproduz o modelo patriarcal de família, na qual as diferenças entre os gêneros são, de fato, acirradas.

A política social do governo polonês insere a mulher tão somente em seu papel de mãe e à exclui de sua condição de cidadã polonesa, detentora de plenos direitos políticos e sociais. Essa situação tornou-se perceptível nos discursos políticos, na legislação restritiva e na precarização dos serviços de saúde da mulher. Um dos exemplos mais marcantes de retrocesso aos direitos humanos das mulheres é a progressiva influência do movimento “pró-vida”, ligado à Igreja Católica polonesa, que considera os embriões detentores de direitos do nascituro. Frequentemente o movimento “pró-vida” influencia os debates políticos relacionados aos direitos reprodutivos das mulheres. Em 2016, o parlamento da Polônia votou em um projeto de lei que criminaliza o aborto nos casos de estupro e de deformação fetal, de modo a proibir quaisquer possibilidades de interrupção da gestação. Foi após uma manifestação massiva, que reuniu em torno de 140.000 pessoas, que o PiS decidiu, enfim, desistir de apoiar o projeto de lei (GRZEBALSKA & PETÓ, 2017, p.6).

Além da tentativa de criminalizar o aborto sob quaisquer circunstâncias, o governo, se recusa, sistematicamente, a prover recursos financeiros ao Centro de Direito das Mulheres. De acordo com a professora do *Institute of Political Studies*, em Varsóvia, Weronika Grzebalska e com a professora de Estudos de Gênero do *Central European University*, na Hungria, Andrea Petó (2017), o Centro de Direitos das Mulheres existe desde 1994, “com a missão de apoiar a igualdade de gênero e se especializando na assistência a mulheres vítimas de diversos tipos de violência” (tradução livre da autora,

2017, p. 6). Desse modo, além da Polônia retroceder à um modelo eminentemente patriarcal de sociedade, o governo polonês relegou as mulheres à uma situação de extrema vulnerabilidade às diversas formas de violência doméstica.

Na área da educação os retrocessos referentes aos direitos humanos atingem os estudos de gênero, enquanto disciplina acadêmica. Foi também no ano de 2016 que o ministro da educação da Polônia, Jaroslaw Gowin, anunciou que as revistas científicas que abordam os estudos de gênero fossem banidas das universidades (2017, p. 7).

Mesmo diante de inúmeros retrocessos aos direitos das mulheres polonesas, a opinião pública insiste em eleger o gênero e a religião para difundirem a retórica anti-refugiados. Particularmente as mulheres - tanto as mulheres polonesas como as mulheres muçulmanas - são mencionadas de modo a enfatizar a sua vulnerabilidade e a necessidade de proteção. A referência às mulheres polonesas e muçulmanas servem para endossar o discurso contra a entrada de refugiados, sobretudo as narrativas midiáticas sobre o Islã e sobre os homens muçulmanos.

Na Polônia é muito difundida a ideia de que a presença massiva de homens muçulmanos em solo polonês põe em risco a integridade física das mulheres polonesas, tendo em vista as notícias de estupros envolvendo refugiados árabes na Europa ocidental.

Em plena “crise dos refugiados, um dos acontecimentos que mais impactaram a opinião pública polonesa ocorreu em 2015 durante as celebrações do ano novo na cidade de Colônia, na Alemanha, quando a polícia alemã reportou cerca de 80 ataques às mulheres, envolvendo desde assédio sexual até estupros, em um único dia. Na ocasião, as investigações apontaram que os ataques sexuais às mulheres teria sido premeditado por um grupo de cerca de 1.000 homens alcoolizados, entre eles, muitos imigrantes do Oriente Médio e da África do Norte, que viviam sob o *status* de refugiados na Alemanha.¹²

Em alguns meios de comunicação da Polônia, como a revista *wSeci*, esse caso foi retratado de modo extremamente sensacionalista. Nessa mesma ocasião, a capa da revista

¹² Germany shocked by Cologne New Year gang assaults on women. **BBC News**, dia 5 de janeiro de 2016, disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-35231046>. Acessado no dia 14 de maio de 2021.

wSeci estampou uma mulher loira enrolada em uma bandeira da União Europeia sendo estuprada por três homens de pele escura. A manchete da revista dizia “The Islamic Rape in Europe” (“O Estupro Islâmico na Europa”). O tom pejorativo da publicação contribuiu para reafirmar o estereótipo do homem muçulmano continuamente retratado como polígamo, abusivo, autoritário e como uma verdadeira ameaça as mulheres cristãs europeias.

Os grupos que defendem os direitos das mulheres polonesas contra a tirania dos homens muçulmanos, em prol de uma sociedade igualitária e progressista, são os mesmos que consideram a Polônia e os poloneses uma comunidade imaginária, onde a igualdade entre os gêneros é prevacente e a diversidade sexual é respeitada. Contudo e, de acordo com tudo o que já foi analisado, a situação das mulheres polonesas ainda está muito longe dessa visão idealizada.

Nesse contexto, o uso da imagem da mulher muçulmana, retratada como símbolo da opressão no Islã, explorada nas manifestações contra a presença de muçulmanos na Polônia, torna-se contraditória diante de uma sociedade extremamente conservadora, sexista e patriarcal nos costumes.

Muitos poloneses consideram que a entrada de muçulmanos afeta diretamente na precarização dos direitos das mulheres e no aumento da violência doméstica. Além disso, existe um receio manifesto por um eventual crescimento demográfico das comunidades muçulmanas na Polônia. Os dados que apontam o alto índice vegetativo nos países do Oriente Médio e do Norte da África apavoram os poloneses preocupados em preservar a homogeneidade social da Polônia, formada por uma população eminentemente branca e católica.

Na Polônia parte dos estereótipos negativos relacionados aos muçulmanos decorrem da popularidade da literatura de testemunho produzida por ex-muçulmanas, consideradas apóstatas, que denunciam os abusos e as violações sobretudo contra as mulheres no Islã. Entre os escritores mais lidos na Polônia, estão Ayaan Hirsi Ali, Hülya Kalkan e Tiouli Touria, cujas obras tornaram-se verdadeiros *best sellers* nas livrarias polonesas.

Nesse tipo de literatura o Islã é apresentado como a causa para o tratamento violento dispensado às mulheres muçulmanas que continuamente são vítimas de abusos físicos e psicológicos por parte do pai, dos irmãos e do marido. Além do âmbito familiar, as sociedades islâmicas são retratadas como espaços pouco acolhedores as mulheres. Nessas sociedades, a mulher muçulmana é relegada tão somente aos espaços privados, associados ao ambiente familiar onde normalmente são destinadas às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos.

As narrativas apresentadas por essas escritoras tendem a causar repúdio por parte de uma sociedade que se imagina como absolutamente distinta. Comumente apresentada como uma sociedade ocidental, moderna e livre, que destoa completamente da imagem de uma sociedade Islâmica atrasada e violenta.

4. Xenofobia, racismo e intolerância Qual a solução?

A atual resistência a presença estrangeira, manifestada através do acirramento de movimentos ultranacionalistas e supremacistas da Polônia, se distancia da identidade plural da Polônia do passado. Antes da Segunda Guerra Mundial, o território polonês era habitado por judeus, lituanos, ucranianos, bielorrussos e alemães. De acordo com a professora da *Adam Mickiewicz University*, Elzbieta M. Gózdziak e com o professor da *Central European University*, Péter Márton (2018), “o censo populacional de 1931 mostrou que os poloneses constituíam 68,9% da população. No entanto, cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Polônia se tornou um monólito étnico, com mais de 95% de sua população composta de católicos poloneses” (Tradução livre da autora) (p. 128). Na Polônia o conceito de nação vai muito além da definição de quem é identificado como povo polonês. Em muitos casos, a identidade polonesa consiste no reconhecimento de quem não é ou de quem não faz parte da nação polonesa. Para o governo, a imprensa e os grupos supremacistas, o povo polonês é europeu, branco, católico e, por isso, não pode ser judeu e nem muçulmano.

A islamofobia na Polônia é expressada sob diversas formas, na maioria dos casos os ataques ao Islã e aos muçulmanos são expressados através de discursos de ódio nas

redes sociais, endossados pelos discursos públicos de agentes do governo e de líderes de grupos supremacistas da Polônia. Eventualmente ocorrem denúncias falsas, direcionadas aos serviços de segurança pública, que reportam sobre a existência de grupos de pessoas suspeitas e sobre uma suposta presença de imigrantes ilegais. Em alguns casos mais extremos, são notificadas casos de agressões físicas e tentativas de homicídio.

“Em meados de setembro de 2017, uma jovem chechena que levava seu filho para uma creche em Varsóvia foi espancada severamente por um pai de uma criança que frequenta a mesma creche. Um transeunte que tentou defender a jovem mãe foi ameaçado pelo perpetrador. Nos mesmos dias, em Cracóvia, um jovem egípcio que trabalhava em um restaurante Kebab de bairro foi atacado por três poloneses, de 20 anos, que gritaram que Ahmed e Allen, os donos do estabelecimento, deveriam “voltar de onde vieram”, porque “não há lugar para gente como eles na Polônia” (Tradução livre da autora) (GOZDZIAK & MÁRTON, 2018, p. 141).

A fim de solucionar, ou ao menos, amenizar, a escalada de violência e de intolerância na Polônia, algumas iniciativas, advindas da sociedade civil polonesa, ajudam a evitar o estigma que associa todo o refugiado muçulmano aos atos criminosos, às ações terroristas e ao extremismo religioso. Algumas experiências que promovem o encontro, entre cidadãos poloneses e refugiados muçulmanos, têm apresentado efeitos positivos no que tange a atitudes mais acolhedoras e à empatia entre ambas as partes. A experiência, com encontros presenciais e, sobretudo, com a escuta de diversas narrativas individuais favorece ao mútuo reconhecimento. O outro, o estrangeiro, imigrante e o refugiado passa a ter um nome e um sobrenome e deixa de ser algo anônimo e perigoso. Além do encontro entre poloneses e refugiados, algumas associações oferecem auxílio e consultoria jurídica referente aos pedidos de asilo e à cidadania na Polônia. A iniciativa visa garantir a defesa e a segurança de refugiados e imigrantes em um ambiente político pouco acolhedor.

A iniciativa dos agentes do *Migrant Info Point* tem por objetivo promover o encontro entre cidadãos poloneses e imigrantes e refugiados na Polônia. Um grupo de voluntários costumam organizar uma série de programações com grupos de pessoas em vista da interação entre poloneses e refugiados de diversos países. O projeto conta com

uma programação cultural variada com *picnics* em locais públicos, saraus de poesias e outros eventos artísticos. Além da proximidade física, a ideia é promover um intercâmbio cultural a fim de humanizar os refugiados e suas narrativas traumáticas, e assim, evitar estereótipos negativos em prol de uma coexistência pacífica.

Além do projeto do *Migrant Info Point*, outro projeto idealizado pela sociedade civil polonesa, a *Associação pela Intervenção Legal (Stowarzyszenie Interwencji Prawnej)* oferece a assistência jurídica gratuita aos imigrantes e refugiados na Polônia, em situação de vulnerabilidade social e legal, diante da ameaça aos direitos humanos individuais. Além do apoio jurídico, a equipe da Associação auxilia os refugiados e os imigrantes e se integram em uma nova realidade política, social e cultural, ao facilitarem o acesso ao idioma polonês, ao sistema de saúde, às moradias e à educação de crianças e adolescentes.¹³

O projeto de auxílio jurídico associa-se às pesquisas de campo promovidas pelos próprios agentes da *Associação pela Intervenção Legal*. Muitos voluntários conduzem pesquisas sobre imigração e refúgio a fim de participarem de seminário e congressos nas universidades polonesas e no exterior e, assim, chamarem a atenção para o sofrimento e para as violações aos direitos de imigrantes e refugiados na Polônia e em outros Estados europeus. A equipe interdisciplinar da *Associação pela Intervenção Legal* consegue, acima de tudo, dar voz aos indivíduos ainda considerados, por muitos, como indesejáveis.

A ideia é que, acima de tudo, as narrativas dos refugiados da Síria sejam capazes de gerar empatia naqueles que compartilham de uma memória nacional comum permeada por guerras, genocídio, deslocamentos humanos, exílio, nacionalismos e racismo. Muitos poloneses já foram refugiados um dia

REFERÊNCIAS:

¹³ A página da *Associação pela Intervenção Legal – Stowarzyszenie Interwencji Prawnej* – está disponível no seguinte endereço: <https://interwencjaprawna.pl/en/about/what-we-do/>. Acessado no dia 10 de junho de 2021.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém – Relatos sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Bp Pieronek: Przyjęcie uchodźców to obowiązek. **Perpektywy dla Polski**, dia 17 de maio de 2017, disponível em: <https://www.rp.pl/Kosciol/305179879-Bp-Pieronek-Przyjecie-uchodzcow-to-obowiazek.html>.

DUDZINSKA, Agnieszka & KOTNASOWSKI, Michael. Imaginary Muslims: How the Polish right frames Islam. **Brookings**, dia 24 de julho de 2019, disponível em: <https://www.brookings.edu/research/imaginary-muslims-how-polands-populists-frame-islam/>.

Germany shocked by Cologne New Year gang assaults on women. **BBC News**, dia 5 de janeiro de 2016, disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-35231046>.

GOZDZIAK, Elzbieta M. & MÁRTON, Péter. Where the Wild Things Are: Fear of Islam and the Anti-Refugee Rhetoric in Hungary and in Poland. **Central and Eastern European Migration Review**, vol. 7, n° 2, pp. 125-151, 2018.

GRZEBALSKA, Weronika & PETÓ, Andrea. The gendered modus operandi of the illiberal transformation in Hungary and Poland. **Women's Studies International Forum**, pp. 2-9, 2017.

How Poland became a breeding ground for Europe's far right. **Washington Post**, dia 14 de novembro de 2017, disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/11/13/how-poland-became-a-breeding-ground-for-europes-far-right/>.

NARKOWICZ, Kasia. "Refugees not Welcome Here": State, Church and Civil Society Responses to the Refugee Crisis in Poland. **International Journal of Politics, Culture and Society**, n° 31, pp. 357-373, 2018.

NARKOWICZ, Kasia & PEDZIWIATR, Konrad. Saving and fearing Muslim women in 'post-communist' Poland : troubling Catholic and secular Islamophobia. **Gender, Place and Culture**, pp. 1-18, 2017.

Papa pede que Polônia acolha refugiados. **Deutsche Welle – DW**, dia 27 de julho de 2017, disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-pede-que-pol%C3%B4nia-acolha-refugiados/a-19430920>.

Poland: Escalating Threats to Women Activists. **Human Rights Watch**, dia 31 de março de 2021, disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/03/31/poland-escalating-threats-women-activists>.

SIMÕES, Rogério. Estado Islâmico: Como o grupo surgiu do caos de guerras para aterrorizar o mundo. **BBC – Brasil**, dia 16 de maio de 2021, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379503>.

Syria Emergency. **The UN Refugee Agency – UNHCR**: <https://www.unhcr.org/syria-emergency.html>.

STEENKAMP, Christina. The Crime-Conflict Nexus and the Civil War in Syria. **Stability: International Journal of Security and Development**, 6 (1), pp. 1-18, 2017.